



REP's - Revista Even. Pedagóg.

Número Regular: Formação de Professores e Desafios da Escola no Século XXI

Sinop, v. 7, n. 2 (19. ed.), p. 441-453, jun./jul. 2016

ISSN 2236-3165

<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/index>

A MÚSICA NO DESENVOLVIMENTO SÓCIO-AFETIVO DE CRIANÇAS COM SÍNDROME DE *DOWN* NA PRÉ-ESCOLA¹

Geisiele Gomes Camargos

Universidade do Estado de Mato Grosso, Sinop/MT - Brasil

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo mostrar a importância de utilizar a música no desenvolvimento sócio-afetivo de uma criança com Síndrome de Down na educação infantil. A metodologia utilizada foi de estudo de caso em um Centro Municipal de Educação Infantil no município de Sinop, realizada no ano de 2014 e 2015. Destacam-se nesse trabalho o uso da música dentro e fora da sala de aula, visando o desenvolvimento sócio/afetivo potencializado pelo poder da música.

Palavras-chave: Criança. Síndrome de Down. Música. Sócio-Afetivo.

1 INTRODUÇÃO

A educação escolar, no atual momento da sociedade, tem como objetivo uma formação humana no sentido de inserir seus diversos sujeitos na dinâmica social, política, cultural e econômica. Essa perspectiva também visa à necessidade de promover a qualidade de vida e dotá-la de relacionamentos interpessoais e sociais. Contudo, pensar no sujeito criança exige compreender suas diversas especificidades e peculiaridades.

Esta pesquisa tem como finalidade abordar a importância da música no desenvolvimento sócio-afetivo de crianças em especial a com síndrome de Down.

¹ Este artigo é um recorte do Trabalho de conclusão de curso intitulado **A MÚSICA NO DESENVOLVIMENTO SÓCIO/AFETIVO DE CRIANÇAS COM SÍNDROME DE *DOWN* NA PRÉ-ESCOLA**, sob a orientação do Dr. José Luiz Straub, curso de Pedagogia, Faculdade de Educação e Linguagens (FAEL) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), *Campus* Universitário de Sinop, 2015/2.

A pesquisa foi iniciada de uma forma não sistematizada no ano de 2014 e intensificada nos dias 07, 08, 09, 13,14 e 15 do mês de outubro de 2015, semana da criança, Isso porque a interação se intensifica em datas comemorativas, quando as brincadeiras e a música tornam-se muito utilizadas, o que foi um fator muito rico para este trabalho.

Assim, este trabalho teve início a partir de observações que foram feitas em sala de aula, bem como anotações em caderno de campo acerca de como se dava a interação de um aluno¹ com síndrome de Down com a música. Percorri os primeiros passos da pesquisa dessa forma acompanhando o que afirmam Lakatos e Marconi ao dizerem que a

Observação é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se desejam estudar (2003, p. 190).

Foi assim que procurei entender algumas lacunas existentes sobre o tema, como por exemplo: o porquê da sensibilidade de uma pessoa com síndrome de Down em relação à música. Assim tive acesso a um cabedal teórico que, embora muito reduzido, dava suporte e incentivava a avançar esta pesquisa.

Juntamente com as leituras acerca do tema iria fazendo o fichamento desses textos. Utilizei as leituras acerca do tema e o fichamento que foi feito desses textos. Após esta fase, começou o contato direto com a pesquisa de campo em sincronia com a pesquisa bibliográfica, sabendo que “Nas investigações, em geral, nunca se utiliza apenas um método ou uma técnica, e nem somente aqueles que se conhece, mas todo os que forem necessários ou apropriados para determinado caso”. (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 164), Para o trabalho de campo “o rigoroso controle na aplicação dos instrumentos de pesquisa é fator fundamental para evitar erros e defeitos resultantes de entrevistadores inexperientes ou de informantes tendenciosos” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 166).

Dessa forma, com tal método consegui melhorar a organização do trabalho e, ao tecer as análises, ter acesso mais preciso ao banco de dados teórico. É interessante ressaltar que foi necessário aliar as teorias estudadas juntamente com as observações, feitas de acordo com a interação do aluno com síndrome de Down com a música e com os outros alunos. Por isso, durante a realização desta pesquisa

estive o tempo todo consciente de que não basta apenas estar munido da teoria, mas que também se deve colocá-la em prática. Mesmo trabalhando a teoria com a prática, não me peguei a pensar que encontraria respostas definitivas para o objeto de estudo, pois esta está em constante mudança.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A música pode ser usada em vários momentos, como nos ensaios para as apresentações, no intervalo das aulas, nas brincadeiras, ou seja, dentro ou fora da sala de aula. Assim, na pesquisa constatei que enquanto a sala do pré II ensaiava, ele, o aluno com Síndrome de Down, saía da sala de aula para dançar e sabia corretamente a coreografia, que no caso era a música “sola da bota” de Rio Negro e Solimões. Fascinava a interação que ele tinha com os demais colegas da escola em 2014. As investigações que realizei apontam para o que diz Ramalho (2011, p. 22):

[...] para o portador de Síndrome de Down a música pode funcionar da mesma forma que as pessoas “normais”, ele irá apreciar a música no seu ritmo, que pode ser mais lento, em função de um atraso no seu desenvolvimento, um retardo mental e/ou dificuldade em relação à linguagem, enquanto as pessoas “normais” irão contemplar a música em um ritmo diferente, mais comum entre todos os seres humanos normais.

É interessante notar que no C.M.E. I em que realizei o processo investigativo contém 4 (quatro) salas de educação infantil, no entanto no final do ano de 2014 essa escola, ganhou um prédio novo, intitulada “sede” e a outra “salas anexas”. No ano de 2015 a criança com Síndrome de Down com a qual fiz a pesquisa foi matriculada na “sede”. O C.M.E.I possui 14 (quatorze) salas, sendo 8 (oito) salas de creche, e 6 (seis) salas de pré-escola, estando matriculada na escola 3 crianças com síndrome de Down, 2 na creche. No começo desta pesquisa a escola contava com a presença de duas crianças com síndrome de Down, uma no pré I e outra no pré II nas salas anexas. Porém, no decorrer da pesquisa uma foi para a educação básica, daí focalizei a análise apenas na criança que ficou na educação infantil. Enquanto observava esse aluno durante o ano de 2014 na escola, de uma forma não sistematizada, percebi que a interação que ele mostrava em relação aos seus

colegas juntamente com os profissionais da escola era de muita afetividade e aprendizado.

Eu, sendo bolsista, colocava música para tocar como uma atividade na hora do intervalo das aulas e quando não colocava já vinha uma criança e cobrava a música, pois eles dançavam, pulavam, brincavam ao som das músicas, era um momento muito esperado por eles. A cada música se tornava um momento lindo e único, ver a alegria das crianças era contagiante, fazíamos festa a cada intervalo, sendo que durava apenas 15 minutos diários, mas bem aproveitados. A cada música uma coreografia diferente, uma brincadeira diferente.

Em cada ensaio foi possível flagrar o quanto ele e seus amigos ficavam felizes com a música, com o envolvimento de seus colegas. O referencial curricular para a educação infantil do MEC diz que

Neste processo, a educação poderá auxiliar o desenvolvimento das capacidades de apropriação e conhecimento das potencialidades corporais, afetivas, emocionais, estéticas e éticas, na perspectiva de contribuir para a formação de crianças felizes e saudáveis. (1998, p.23).

Nesse período, em 2014, que eu observava, o aluno estava no pré I, e a escola visando o desenvolvimento dele permitia que ele, acompanhado da auxiliar, saísse da sala de aula para dançar com a turma do pré II, ou seja, ele sempre mostrou uma paixão pela música e devido a isso ele ensaiava às vezes com a turma do pré II, tirando o próprio ensaio na turma do pré I.

Já no ano de 2015 as coisas mudaram prédio novo, fui apresentada pela Professora S dizendo que eu:

(01) Professora S: Iria observá-los para fazer um livro muito importante para a conclusão de curso, para poder ser uma professora como ela.

Ela começava cada aula com uma música, e frisou que as músicas que a criança com síndrome de Down mais gosta são as de:

(02) Professora S: Pop rock, agitadas, as músicas que estão na atualidade estimulam muito, porque ele gosta, mas a meu ver não é muito bom por causa das letras.

Ou seja, na utilização como instrumento de aprendizado, prioriza as que têm algo de bom a oferecer observando as letras, devem-se utilizar os ritmos que mais chamam atenção da criança, mas escolher bem as músicas, as letras. Ela prioriza as músicas que fala de amizade, família, utilizando músicas infantis para o desenvolvimento da coordenação motora e social.

A professora inicia suas aulas com a música “como é bom ser criança, brincar, ser um mágico em fantasiar. Construir com nossa inocência um mundo encantado de amor”. Pois, como nas palavras da:

(03) Professora S: É importante colocar músicas, pois eles devem respeitar o outro, e alguns momentos pré-estabelecidos, colocar músicas para eles pensarem, se acalmarem, refletirem.

Sem esquecer que é importante:

(04) Professora S: A variação da música. E a professora deve estar sempre atenta, gostar, ser alegre e fazer com eles, falta instrumentos, mas quando eles trazem de casa da pra ver que eles gostam.

Ou seja,

Sendo assim, podemos dizer que a música e o som são umas das formas mais belas de expressão do ser humano, pois além de tocar e encantar os corações com sua melodia, acabam trazendo uma história para que as pessoas possam refletir sobre o tema proposto. A partir daí, pode-se perceber o valor inestimável que a música tem na vida das pessoas. (RAMALHO, 2011, p. 15).

Esses momentos lúdicos potencializam a aproximação e sucessivamente a afetividade, e

A afetividade é um tema que vem sendo muito debatido, tanto nos meios educacionais quanto fora dele. No universo escolar, há um consenso entre educadores com base nas principais teorias do desenvolvimento sobre a importância da qualidade das primeiras relações afetivas da criança. A afetividade implica diretamente no desenvolvimento emocional e afetivo, na socialização, nas interações humanas e, sobretudo, na aprendizagem. (SILVA, SHNEIDER, 2007, p. 83)

Quando professores se mostram interessados com a qualidade do ensino para com seus alunos na educação infantil, eles farão com que o ambiente em que eles estão se torne um importante aliado na área do desenvolvimento, em especial no afetivo, pois são essas relações que farão com que seu aluno viva em sociedade, como nas palavras de Silva e Shneider:

O desenvolvimento afetivo depende, dentre outros fatores, da qualidade dos estímulos do ambiente para que satisfaçam as necessidades básicas de afeto, apego, desapego, segurança, disciplina e comunicação, pois é nessas situações que a criança estabelece vínculos com outras pessoas. (2007, p. 83)

Como as brincadeiras realizadas pela professora, com o auxílio das bolsistas, que foram “ovo choco”, “Coelhinho sai da toca” e “gato mia”, foi possível perceber como se torna pertinente à utilização das brincadeiras para uma relação sócio/afetiva entre as crianças, pois como o MEC diz no referencial curricular para a educação infantil:

Por meio das brincadeiras os professores podem observar e constituir uma visão dos processos de desenvolvimento das crianças em conjunto e de cada uma em particular, registrando suas capacidades de uso das linguagens, assim como de suas capacidades sociais e dos recursos afetivos e emocionais que dispõem. (1998, p. 28).

Ou seja, “pode-se dizer, ainda, que a qualidade da afetividade na relação professor e aluno é determinante para o processo ensino-aprendizagem e para o desenvolvimento do aluno. (SILVA; SHNEIDER, 2007, p. 85)”. As entrevistas apontam que a professora de sala na questão da socialização não vê dificuldade, a amizade e o companheirismo são de suma importância, o aluno é uma criança muito amada. Como ela mesma disse “não há aquela diferença, eles são companheiros. Só em alguma atividade como amarrar o cadarço que ele tem dificuldade que os ajudam”. Isso vai ao encontro do que diz o MEC:

A base do cuidado humano é compreender como ajudar o outro a se desenvolver como ser humano. Cuidar significa valorizar e ajudar a desenvolver capacidades. O cuidado é um ato em relação ao outro e a si próprio que possui uma dimensão expressiva e implica em procedimentos específicos. (1998, p. 24).

Para as crianças, a Síndrome de Down, não é um empecilho na questão da socialização, da amizade. Só é percebida em atividades que a criança com Síndrome de Down não consiga realizar sozinho, mas seus próprios amigos o ajudam, mostrando a relação de cuidado, afeição. Como a criança precisa de uma atenção especial

Cabe ao professor propiciar situações de conversa, brincadeiras ou de aprendizagens orientadas que garantam a troca entre as crianças, de forma a que possam comunicar-se e expressar-se, demonstrando seus modos de agir, de pensar e de sentir, em um ambiente acolhedor e que propicie a confiança e a auto-estima. (MEC 1998, p. 31).

O professor precisa ser alguém que goste de dar aula, propiciar momentos de grandes aprendizados, oferecendo às crianças a visão de que mesmo com as dificuldades apresentadas por alguma pessoa, todos têm a capacidade de aprender, e o direito ao convívio social.

O diagnóstico da síndrome de Down pode ser realizado de duas maneiras. uma delas após o nascimento, observados pelas características marcantes no bebê causado pelo cromossomo 21. Ou seja, “[...] é sempre o cromossomo 21 responsável pelos traços físicos e função intelectual limitado observado na grande maioria das crianças com síndrome de down [...]” (PUESHEL, 1993, p. 61). a outra é feita já no pré-natal, usando material sanguíneo da mãe. Mas vale ressaltar que as características do ser humano são expressas principalmente pelos genes, assim a criança com síndrome de Down receberá características da mãe e do pai, só que em ritmos mais lentos. Segundo Ravagnani (2009, p. 19),

Apesar de exibir traços físicos característicos da SD, a criança com esta síndrome, assim como toda criança, traz a herança genética de seus pais, portanto parecerá com eles, seja no aspecto físico como em algumas características da sua personalidade.

Dessa maneira, é possível perceber que a síndrome de Down é uma alteração genética causada pelo cromossomo extra 21. John Langdon Down,

influenciado pelas ideias de Darwin, acreditava ser um retorno à era primitiva, ele usou termos pra classificar as pessoas com SD chamando-os de “idiota” “mongoloide”, “mongolismo” ou “mongoloide”. Esses termos, com o decorrer da história, se tornaram ofensivos e inaceitáveis, “[...] mongoloide não é apenas um insulto degradante à criança, mas também uma descrição incorreta da pessoa, que, embora portadora de uma deficiência mental, é, antes de tudo, um ser humano capaz de aprender e de participar bem em sociedade” (PUESHEL, 1993, p. 50). Sendo assim, a síndrome de Down não é uma doença “[...] é uma condição genética diferente não há o que curar, mas o que construir.” (TUNES, 2003, p. 112).

Por essas características as crianças que possuem a síndrome de Down têm maiores dificuldades de desenvolvimento, mas se forem estimuladas desde cedo elas tem capacidade de conseguir se desenvolver. Afinal, o desenvolvimento é um processo influenciado pelos fatores acumulados através da historia de cada pessoa. “[...] ausência de estimulação produz atraso no desenvolvimento considerado Normal” (LIMA, 2003 apud LOUREIRO, 2006, p. 15). Ou seja, a criança com Síndrome de Down deve ser estimulada desde cedo pela família, pelos meio sociais que ela está inserida, pois a criança com essa síndrome, como qualquer criança, precisa de estímulos. Contudo, devido a síndrome precisam ser potencializadas, e a escola se torna um importante aliado nessa tarefa, por ter a sala de recursos e o contato com as demais crianças. Como diz a:

(05) Professora R: O aluno com síndrome de Down é muito afetivo, gosta de estar em constante contato com as demais crianças.

Isso mostra o quanto é importante a educação infantil no processo sócio/afetivo.

Constatei, na pesquisa, que as atividades na escola com crianças com Síndrome de Down necessitam de um planejamento que mobilize práticas que despertem a ludicidade, fazendo com que as atividades se tornem prazerosas. É interessante salientar que nas atividades me deparei com a importância de preparar a criança para a vida. Por isso a preocupação em trabalhar a cooperação entre as crianças, juntamente com a coordenação motora e compreensão de todas as crianças do significado dessas atividades para suas vidas.

Em meus estudos, o uso da música possibilitou justamente esse conjunto de atividades lúdicas, que pode ser trabalhada dentro e fora da sala de aula, usando os espaços que a escola tem de melhor. Porém, geralmente, para aguçar a inteligência do aluno com síndrome de Down foram necessárias atividades de longa duração. Entretanto, atividades que envolvam um tempo maior para serem realizadas não chamam a atenção da criança com síndrome de Down, mas em contrapartida, qualquer atividade requer um tempo maior, ou seja, devem ser feitas atividades curtas, mas dando possibilidade de um tempo maior para serem feitas. Como frisa a

(06) Professora S: Se tratando do aluno em sala, é um aluno que sempre demonstra interesse. Só demonstra um pouco de desinteresse nas atividades escritas, que demoram um pouco a mais para ser realizadas. Mas de resto, ele se interessa bastante.

Ou seja, atividades lúdicas são de suma importância visto que:

O processo de desenvolvimento infantil se realiza nas interações, que objetivam não só a satisfação das necessidades básicas, como também a construção de novas relações sociais, com o predomínio da emoção sobre as demais atividades. As interações emocionais devem se pautar pela qualidade, a fim de ampliar o horizonte da criança e levá-la a transcender sua subjetividade e inserir-se no social. (KRUEGER, 2003, p. 05).

Dessa forma, a criança com Síndrome de Down aprende com o passar do tempo e sua inteligência vai progressivamente aparecendo, não devendo exigir dela uma atividade rápida, sendo importante ter alguém para auxiliá-la, e na escola cada criança com necessidade especial tem uma auxiliar, sendo de seu direito. Na pesquisa constatei como é necessário ter alguém preparado para trabalhar e potencializar seu desenvolvimento, com carinho, dedicação e amor. A interação entre a bolsista e a criança com Síndrome de Down foi surpreendente, como diz Rubens Alves “por isto os educadores, antes de serem especialistas em ferramentas do saber, deveriam ser especialistas em amor: intérpretes de sonho”. (1994, p. 63). E nessa troca de carinho a criança com Síndrome de Down demonstrava felicidade na prática das atividades, segura ao lado de sua professora e da bolsista que com

muita dedicação desenvolvia seu trabalho sabendo que para seu aluno o tempo é primordial para realizar as atividades.

A pesquisa mostrou que as atividades realizadas na escola devem ser sempre pensadas para a criança com ou sem Síndrome de Down, a escola deve ser pensada para o desenvolvimento de cada criança, tendo em vista que cada uma delas apresenta sua própria bagagem cultural. O C.M.E.I, visando o desenvolvimento das crianças com necessidades especiais, tem sua sala de recursos, mas como a:

(07) Professora R: A nossa sala foi montada pela escola então os recursos de multimeios auditivos, informática de comunicação não temos, porém o MEC informou que esta instituição é a próxima a receber, ou seja, se o C.M.E.I receber os recursos disponibilizados pelo MEC, o atendimento irá melhorar.

Por suas especificidades, o aluno com Síndrome de Down ao entrar na escola tem o direito de que esta instituição esteja sempre atenta com essas questões, de modo a tentar sempre fazer o melhor para que cada uma das crianças receba grandes aprendizados. Os estudos mostraram que cada criança tem seu tempo, ou seja, a escola mostrou que o currículo é baseado no desenvolvimento da criança, cada aprendizado que ela apresenta é de suma importância. Começou-se a repensar no tempo cronológico estabelecido pelo currículo, esquecendo aquela velha metodologia, onde elas eram vistas da mesma maneira limitando-as a este tempo. E dessa maneira se torna inegável que o professor procure entender as características da síndrome adaptando o currículo, isso não significa que a metodologia escolhida para atender as crianças com Síndrome de Down seja inferior a dos demais, pelo contrario, para que haja aprendizado a metodologia deve ser muito bem empregada.

3 CONCLUSÃO

A música por ser muito apreciada entre as pessoas, principalmente pelas crianças tornando-se um meio muito importante para que o desenvolvimento sócio/afetivo aconteça, com a interação entre elas. Nada mais propicio para o

desenvolvimento das mesmas que a amizade e a cumplicidade da comunidade escolar.

Mesmo sabendo que a música é um importante aliado para o desenvolvimento, temos muitas lacunas para resolver e romper. As crianças com ou sem síndrome de Down, precisam ser valorizadas e preparadas para a vida.

E sabendo que a criança é o presente e o futuro, a escola deve prepará-la para todos os momentos, e a interação e o desenvolvimento sócio/afetivo é de suma importância, visto que esse é o primeiro passo para a vida em sociedade. O desenvolvimento da criança, com ou sem síndrome de Down, merece a atenção do professor, que como mediador do saber tem o papel de fazer com que todos alunos sejam capazes de produzir conhecimento. É um pouco isso que constatei nas práticas escolares da escola que pesquisei, mostrando que a música pode ser um diferencial positivo na aprendizagem de crianças com Síndrome de Down.

MUSIC ON CHILDREN OF SOCIO-AFFECTIVE DEVELOPMENT WITH DOWN SYNDROME IN PRESCHOOL

ABSTRACT²

This work aims to show the importance of using music in the socio-emotional development of a child with Down syndrome in early childhood education. The methodology used was a case study in a Municipal Center for Child Education in the municipality of Sinop, held in 2014 and 2015 stand out in this study the use of music in and out of the classroom, aiming at the socio-affective enhanced by the power of music.

Keywords: Child. Down's syndrome. Music. Socio-Affective.

REFERÊNCIAS

² Resumo traduzido por Diego Cruz, graduado em licenciatura em Letras, formado na Universidade do Estado do Mato Grosso.

ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. Disponível em <http://www.virtual.ufc.br/cursouca/modulo_3/6994779-Rubem-Alves-A-Alegria-de-Ensinar.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2014.

KRUEGER, Magrit Froehlich. **A relevância da afetividade na educação infantil**. Disponível em <<http://www.posuniasselvi.com.br/artigos/rev03-04.pdf>>. Acesso em 15/07/2014.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. Disponível em: <https://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-e-india>. Acesso em: 13 jun. 2014.

MEC. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso em 16 jul. 2014.

PROFESSORA R: **Professora R**: depoimento. [2015] Entrevistadora: Geisiele Gomes Camargos. Sinop, MT, 2015. 1 f. Questionário concedido para o Trabalho de Conclusão de Curso A MÚSICA NO DESENVOLVIMENTO SÓCIO-AFETIVO DE CRIANÇAS COM SÍNDROME DE *DOWN* NA PRÉ-ESCOLA

PROFESSORA S. **Professora S**: depoimento. [2015] Entrevistadora: Geisiele Gomes Camargos. Sinop, MT, 2015. 1 f. questionário concedido para o Trabalho de Conclusão de Curso A MÚSICA NO DESENVOLVIMENTO SÓCIO-AFETIVO DE CRIANÇAS COM SÍNDROME DE *DOWN* NA PRÉ-ESCOLA

PUESHEL, Siegfried M. org. **Síndrome de Down: Guia para pais e educadores**. tradução Lucia Helena Reily – Campinas, SP: Papyrus, 1993. – (serie Educação especial)

RAMALHO, Natalia. **A MUSICOTERAPIA PARA PACIENTES PORTADORES DE SÍNDROME DE DOWN: UM ESTUDO DE CASO**. Disponível em: <<http://biblioteca-damusicoterapia.com/biblioteca/arquivos/monografia/natalia%20Portador%20de%20Sindrome%20de%20Down.pdf>>. Acesso em: 14 jun. 2014.

RAVAGNANI, Anahi. **A educação musical de crianças com Síndrome de Down em um contexto de interação social**. Curitiba, 2009. 122 f. Disponível em <<http://www.sacod.ufpr.br/portal/artes/wp-content/uploads/sites/8/2012/12/Anahi.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2014.

TUNES, Elizabeth. **Cadê a Síndrome de Down que estava aqui? O Gato comeu...: O programa da Lurdinha**. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2003. (coleção educação contemporânea)

Correspondência:

Geisiele Gomes Camargos. Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Sinop, Mato Grosso, Brasil. E-mail: geisiele_gc@hotmail.com

Revista Even. Pedagóg.

Número Regular: Formação de Professores e Desafios da Escola no Século XXI
Sinop, v. 7, n. 2 (19. ed.), p. 441-453, jun./jul. 2016

Recebido em: 06 de abril de 2016.

Aprovado em: 17 de maio de 2016.